

# POR TERRAS DE FRANÇA

## VIAGEM PEDAGÓGICA DE UM PROFESSOR CASAPIANO

CLÁUDIA PINTO RIBEIRO\*

**Resumo:** *Prática comum desde os finais do século XIX, as viagens de educadores portugueses ao estrangeiro inflacionaram no decorrer da centúria seguinte, graças à consciencialização da necessidade de se conhecer o que se fazia lá fora para avaliar a distância percorrida ou ainda a percorrer. A Casa Pia de Lisboa, instituição modelar no panorama nacional, não representou excepção. Por isso, a viagem de um eminente professor casapiano, Fernando Pinto Ferreira, a terras de França não ofereceu dúvidas, nem ao Director da Casa Pia que a propôs, nem ao Ministro do Interior que a autorizou, em 1917. Tratava-se, afinal, dos preparativos para o pleno funcionamento do primeiro instituto de Educação Especial em Portugal – o Instituto Médico-Pedagógico.*

**Palavras-chave:** *Instituto Médico-Pedagógico; Viagem pedagógica; Crianças anormais; Inovação pedagógica.*

**Abstract:** *A common practice since the end of the 19<sup>th</sup> century, the travels of Portuguese educators to foreign lands increased in the following century, due to the growing awareness of the need to find out about what was being done outside Portugal, so as to evaluate the distance travelled and the distance yet to go. The Casa Pia de Lisboa, a model institution at national level, was no exception. Therefore, the journey to France by one of its most eminent teachers, Fernando Pinto Ferreira, raised no doubts, neither to the Casa Pia's Director, who first proposed it, nor to the Minister of the Interior, who authorized it in 1917. It was, after all, part of the preparation for the full operation of the first Special Education institute for Special Education in Portugal ? the Instituto Médico-Pedagógico.*

**Keywords:** *Instituto Médico-Pedagógico; Pedagogical travel; «Abnormal» children; Pedagogical innovation.*

## O INSTITUTO MÉDICO-PEDAGÓGICO

No Verão de 1912, a Direcção da Casa Pia de Lisboa tratou de instalar no extinto convento de S. Bernardino, em Atouguia da Baleia, concelho de Peniche, uma Colónia Agrícola que servisse de dependência para onde se pudessem canalizar todos aqueles que, por suas condições específicas, constituíam um estorvo ao regular andamento da instituição de Belém. «Nada havia sido feito no país sobre a educação e instrução dos anormais pedagógicos, anteriormente à data em que pela Direcção da Casa Pia foi estabelecida, com a feição de Colónia Agrícola, a primeira instituição destinada à educação de alguns menores naquelas condições»<sup>1</sup>.

Inaugurada com pompa e circunstância no segundo aniversário da República, a Colónia Agrícola de S. Bernardino produziu resultados benéficos, pois «a disciplina na Casa Pia melhorou e o ensino escolar, livre daqueles entraves, tomou mais regular andamento». Também os alunos internados na Colónia Agrícola, no princípio preguiçosos e «insofridos», começaram a dar indícios de regeneração, dedicando-se com *boa vontade*

\* Doutorada em História, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

<sup>1</sup> Ofício n.º 822, dirigido à Provedoria da Assistência de Lisboa, 1913/10/25.

aos trabalhos, que constavam da aprendizagem de diversos ofícios e de trabalhos rurais na cerca anexa ao edifício<sup>2</sup>.

Contudo, este *laboratório* podia, apenas, acolher as crianças *anormais*<sup>3</sup> que estivessem em idade de começar a sua aprendizagem profissional, e muitas havia que, não tendo ainda chegado a essa idade, se encontravam no estabelecimento e careciam também de ser *removidas* do internato. Tornava-se, pois, da máxima conveniência estabelecer um anexo apropriado onde pudessem ser alojados estes menores que, pelas suas circunstâncias, se não podiam acomodar ao regime ordinário do estabelecimento. Mas, mais importante do que arrancá-los ao marasmo das instalações de Belém, onde nada aproveitavam, era poder proporcionar-lhes uma instrução e educação especiais, racionalizadas a partir das suas necessidades e que potenciassessem uma futura inserção na sociedade, desta vez como cidadãos úteis a si e aos outros.

E assim nasceu o Instituto Médico-Pedagógico que, em meados de 1915, já se encontrava a funcionar na Travessa das Terras de Sant'ana, a Santa Isabel, em Lisboa. A *República* publicitava o acontecimento com uma entrevista ao Director, António A. da Costa Ferreira<sup>4</sup>, porque apesar de «limitada a importância que entre nós se liga, geralmente, às questões de educação (...), parece não dever constituir motivo de grande estranheza o facto de não serem suficientemente conhecidas certas obras de vulto, que na penumbra se têm conservado por se furtarem os seus autores ao exibicionismo»<sup>5</sup>.

No externato havia uma consulta médico-pedagógica, a cargo de Costa Ferreira, uma classe de educação a ministrar aos *anormais* pedagógicos, regida pelos professores Palyart Pinto Ferreira e esposa, Lucília de Santa Clara, e uma outra de ortofonia para os que fossem portadores de vícios de pronúncia, da qual se encarregava o professor da secção de surdos-mudos, José da Cruz Filipe, e, mais tarde, a aula da «Arte de Dizer», da competência do actor Joaquim Almada.

Tornar o *outro* o *mais normal possível* era a meta perseguida. Procurava-se seleccionar os pequenos *anormais*, também chamados *educáveis*, indivíduos que por meio de tratamentos adequados e de uma educação especial, conseguiam

<sup>2</sup> Ofício n.º 822, da Direcção da Casa Pia, dirigido à Provedoria da Assistência de Lisboa, 1913/10/25.

<sup>3</sup> Das diversas definições e caracteres atribuídos às crianças anormais, diversidade explicada pelo à-vontade com que cada autor se apropria do termo para construir uma designação que considera mais completa, salientamos a de A. Binet, que define anormal «todo o indivíduo que se separa muito nitidamente da média para constituir uma anomalia patológica», e Eugéne Chazal que considera anormal «toda a criança portadora de taras cerebrais, orgânicas e funcionais, susceptíveis de lhes produzir perturbações mais ou menos profundas no desenvolvimento das suas faculdades intelectuais e morais». FONSECA, 1930: 21. Vítor Fontes caracterizou anormal «toda a criança que por deficiência funcional (física ou psíquica) reage aos estímulos exteriores de uma maneira diversa daquela que em regra se nota na maioria das crianças». FONTES, 1933: 28. Não restam dúvidas, portanto, de que se trata de um afastamento, leve ou mais profundo, da norma.

<sup>4</sup> Médico e pedagogo português que se destaca por uma grande sensibilidade votada para as questões relacionadas com os *anormais*.

<sup>5</sup> «Uma nova instituição da Casa Pia – Os *anormais* – O que se diz do Instituto Médico-Pedagógico o Sr. Dr. A. Aurélio da Costa Ferreira» – Notícia de uma entrevista publicada no Jornal A REPÚBLICA, n.º 1.796, Ano V, de 29 de Novembro de 1915, p. 1.

(...) por vezes atingir a normalidade, mas que entregues aos processos vulgares de educação, pouco beneficiam dela, ficando com uma preparação falha e seguindo pela vida fora com as maiores dificuldades, transviando-se por vezes para as mais baixas e abjectas situações<sup>6</sup>.

O Instituto Médico-Pedagógico estava destinado a «preencher uma lacuna que de há muito se fazia sentir no nosso meio: a da educação dos anormais por processos intuitivos, que no nosso país constituem uma apreciável inovação»<sup>7</sup>.

Não é de estranhar, portanto, que, apesar do pouco tempo decorrido desde que começara a funcionar, a consulta externa no Instituto Médico-Pedagógico, em Março de 1916, fosse frequentada por 30 menores, que patenteavam resultados bastante animadores, principalmente quando comparados «com os que se obtêm em institutos similares do estrangeiro mais bem dotados»<sup>8</sup>.

Com o passar dos meses, o projecto foi amadurecendo e tornou-se evidente a necessidade de conhecer o que se passava lá fora. Como Costa Ferreira justificara, o Professor Palyart Pinto Ferreira fora designado pela natureza dos serviços que lhe estavam confiados – «ensino dos trabalhos manuais, educação sensorial e motriz dos anormais» – e por ser um eminente professor do recém-criado Instituto Médico-Pedagógico. A experiência de Palyart, em França, permitiu traçar o panorama geral acerca da pedagogia de *anormais*, naquele país. Precursora na educação dos *atardados*, desde Itard e Séguin, a França era, provavelmente, o cadinho de vanguarda na Europa<sup>9</sup>, e o reconhecimento da sua autoridade nesta matéria tornou a visita coerente. Seguindo as passadas de Palyart, torna-se possível conhecer a desilusão de quem alimentava elevadas expectativas relativamente aos estabelecimentos de ensino de *anormais*. Pouco se impressiona o professor português, muito embora desculpe a desorganização dos serviços por coincidir com o período da guerra.

## A VIAGEM EXPLORATÓRIA DE PALYART EM FRANÇA

Em correspondência com o seu amigo F. Palyart Pinto Ferreira, dizia Costa Ferreira, em carta de 11 de Setembro de 1916, escrita de Lisboa:

*Ando congeminando um projecto que se prende com questões de guerra e em que penso aproveitá-lo. Talvez que até arranje maneira de você ir estar três meses em França. Precisava de pessoa com conhecimento de trabalhos manuais, aptidão para os ditos, e cultura para ir aprender o moderno fabrico de aparelhos de prótese para mutilados da guerra. Lembrei-me de você. Ao mesmo tempo veria alguma coisa sobre anormais. Queria ver se montava uma oficina*

<sup>6</sup> FONTES, 1933: 23.

<sup>7</sup> FERREIRA, Costa, 1916: 410-412.

<sup>8</sup> Ofício n.º 184, dirigido ao Provedor da Assistência de Lisboa, 1916/03/02. FERREIRA, Costa, 1916: 208-209.

<sup>9</sup> Foi com Jean Itard, em 1801, e Edouard Séguin, 1846, que se deram os primeiros passos, com a publicação de estudos sobre esta matéria. Contudo, é a Suíça que tem a glória da fundação do primeiro instituto para *anormais*, em 1841, em Abendberg, por Guggenbuhl. FERREIRA, Pinto, 1930: 5.

*de prótese na Casa Pia. Que diz ao projecto? Por enquanto, porém, não o revele. Nem eu sei como o Ministro do Interior o receberá*<sup>10</sup>.

Quatro meses depois, as dúvidas de Costa Ferreira estavam dissipadas. Palyart interessou-se pelo projecto, o Ministro deu o seu aval e o Director concretizou a promessa. Em Janeiro de 1917, o professor de trabalhos manuais seguia para França, na companhia da mulher<sup>11</sup>, a fim de estudar a organização do ensino profissional dos estropiados da guerra, para, na medida do possível, «montar um serviço de exame de aptidões, escolha de profissão e reeducação profissional preparatória, no seu Instituto Médico-Pedagógico, a Santa Isabel»<sup>12</sup>.

A viagem, que decorreu entre 18 de Janeiro e 20 de Março, realizou-se graças ao patrocínio do Ministério da Guerra, interessado no desenvolvimento dos serviços de reeducação dos mutilados da guerra<sup>13</sup>. A oportunidade serviu, igualmente, para visitar algumas «classes especiais para atardados», em Bordéus, Paris e Lyon, experiência que se pautou por uma certa desilusão, até porque a partida de Lisboa fizera-se acompanhar de um sentimento de elevada expectativa que se veio a revelar infundada, de acordo com as impressões de Palyart<sup>14</sup>.

*A pátria de Montaigne, de Rollin, de Jules Simon, Jean Macé e Felix Pécaut, a pátria de Binet, de Itard-Séguin-Bournevilli, e de tantos nomes grandes como estes, deveria ser uma terra invejável onde a instrução fosse mais alguma coisa do que em qualquer outra parte. Mas não assim!*

*A moderna pedagogia é mais para exportação do que para uso próprio em França. O ensino é um tanto livresco, rotineiro, não é melhor do que o nosso*<sup>15</sup>.

A primeira parte do relatório apresentado por Palyart à Direcção da Casa Pia debruça-se sobre a visita realizada a algumas escolas primárias de Paris e Bordéus. Nessas escolas não era permitido entrar-se sem licença superior, concedida, apenas, para deter-

**10** MALPIQUE, 1962: 95.

**11** Em ofício ao Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o Director da Casa Pia dá conhecimento da viagem que o professor Palyart Pinto Ferreira irá realizar a França, pedindo autorização para que a esposa do professor, também professora oficial do ensino primário, possa acompanhar o marido nesta viagem, pedindo que o seu salário continue a ser pago durante a sua ausência. Ofício n.º 973, da Direcção da Casa Pia, dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, 1916/12/11.

**12** FERREIRA, Costa, 1917: 37.

**13** Palyart visitou sete escolas de reeducação profissional de mutilados da guerra: a de Bordéus, a de Lyon – a funcionar desde 1914 – e cinco escolas de Paris: Escola de Reeducação do Grand-Palais, Maison Blanche, Puits de l’Ermite, Atelier de préapprentissage – Rue des Épinettes, Institut National Professionnel des Invalides de la Guerra – Saint Maurice. A visita a estes estabelecimentos saldou-se pela produção de um relatório detalhado sobre o que apurara junto destas instituições. Neste artigo, deter-nos-emos, principalmente, sobre o que se refere ao ensino das crianças anormais no Instituto Médico-Pedagógico.

**14** «Eu tinha para mim que a França era uma terra onde a pedagogia havia alcançado um grande desenvolvimento, consequentemente onde a ciência da educação desempenhava realmente o seu verdadeiro papel na sublime arte, onde, enfim, julgava que o ensino havia alcançado o seu máximo grau de perfeição. (...) Eu julgava, pois, ir encontrar modelos, escolas que se impusessem ao mundo como as melhores dos tempos actuais: julgava ir ver o máximo». FERREIRA, Costa, 1918: 248.

**15** FERREIRA, Costa, 1918: 249.

minados grupos de estabelecimentos, seleccionados entre os que representavam um bom cartão-de-visita. «Quer dizer que quem vê, só vê o melhor, e nunca de surpresa. Foi o que me aconteceu». O roteiro de impressões colecionadas nesta visita dificilmente se afasta da decepção de quem elevava «às maiores culminâncias a pedagogia francesa». As escolas que visitou deram a ideia de que «o ensino é muito livresco, muito dogmático, pouco ou nada experimental. Os próprios edifícios, conquanto construídos propositadamente para escolas, são monótonos, tristes, geométricos de mais»<sup>16</sup>.

Seria, contudo, às classes de atardados que Pinto Ferreira votaria a sua melhor atenção, até porque esta visita de reconhecimento destinava-se, essencialmente, a conhecer as práticas pedagógicas empregues no ensino dos *anormais*. Em Bordéus, a experiência teve um saldo negativo, uma vez que, por efeito da mobilização dos professores, estavam encerradas. Faltou ver a classe em contexto de aula ou entrevistar o professor, soldado nesse momento, mas, pelos trabalhos consultados e pelo material empregue, o professor da Casa Pia depreendeu «que não era o ensino aí ministrado muito diferente do dos normais»<sup>17</sup>.

A abertura das classes de Bordéus era mais recente do que as de Paris, e realizara-se em Maio de 1907, logo a seguir à visita de M. Bager<sup>18</sup>, «o ilustre director do grande instituto de Asnières» e inspector-geral das classes de *anormais* de toda a França, com quem tivera oportunidade de travar conhecimento, «e M.<sup>lle</sup> Stupuy, encarregados pelo Ministério da Instrução Pública» de suscitar um movimento em favor das classes de *anormais* nos grandes centros.

Em Paris, Pinto Ferreira teve oportunidade de visitar duas classes especiais, na Rue Leconte, uma classe de rapazes, e na Rue de Belzunce, dirigida ao ensino de raparigas. Em ambos os casos, a experiência mostrou a Pinto Ferreira que, apesar de conceituadas<sup>19</sup>, estas classes especiais não destacavam qualquer elemento inovador, limitando-se a seguir os métodos utilizados no ensino convencional<sup>20</sup>.

Bastante material, mas pouco utilizado. Trabalhos manuais, cujas potencialidades Palyart demonstrara em diversos estudos, realizados esporadicamente, uma vez que o cálculo ocupava a maior parte do tempo. «Algum desenho, sendo os trabalhos escritos, algumas vezes, ilustrados. Sala de classe e mobiliário péssimos. Disciplina rigorosa (...). As crianças, carregadas de livros». Eis o cenário pintado por Palyart.

<sup>16</sup> FERREIRA, Costa, 1918: 251.

<sup>17</sup> «Era uma na escola da Rue St. Charles e a outra para os lados do Jardin Public, na escola da Rue Montgolfier, em cujo edifício teve também seu princípio, a Escola de Reeducação dos Mutilados, hoje na Rue du Hamel». FERREIRA, Costa, 1918: 257.

<sup>18</sup> «(...) um dos mais ilustres educadores dos tempos modernos, que n'a pas été seulement un administrateur et un directeur excellent de cette grande maison [Instituto Departamental do Sena], il n'a pas eu seulement à triompher des difficultés d'ordre administratif et matériel qu'il a nécessairement rencontrés chaque jour dans une entreprise aussi vaste que celle-ci, il a été véritablement un inspirateur, un initiateur des méthodes dont nous voyons aujourd'hui le succès». FERREIRA, Costa, 1918: 258.

<sup>19</sup> «É esta considerada como uma das melhores classes especiais, tendo aqui vindo, ultimamente, fazer o seu exame prático, a professora da escola da rua Belzunce». FERREIRA, Costa, 1918: 258.

<sup>20</sup> «Existe uma coleção do material montessoriano mas; segundo a professora, não produz os resultados que se apontam, e por isso poucas vezes serve. Os jogos de A. Descoedres são pouco usados pelo mesmo motivo». FERREIRA, Costa, 1918: 258.

O ensino das raparigas, ainda que realizado por uma professora «inteligente e trabalhadora, estudiosa, conhecendo o movimento pedagógico», não se revelava muito diferente. O material existente, «mais para vista do que para outra coisa», não era muito utilizado e ler, escrever e contar eram exercitados «pelos métodos e processos correntes». Na classe feminina, o trabalho manual também não abundava e, «quando muito», desenvolviam os trabalhos próprios das raparigas, os labores<sup>21</sup>.

A visita, pouco proveitosa, aliás, daria ainda para levantar a suspeita quanto à especificidade da selecção da população estudantil: «pareceu-me uma classe de crianças pouco anormais, bem podendo algumas passar por normais, se era certo que entre elas não as havia».

Seria, contudo, com a visita ao Instituto Departamental do Sena<sup>22</sup> que o ânimo de Pinto Ferreira recuperaria da desilusão encontrada nas classes de Paris. A pequena distância daqui, em Asnières, encontrou, «sem dúvida, uma das melhores casas de educação que a França possui», que se destacou pela forma como recebeu o professor português, com «muito amor, muita competência profissional e honestidade».

O Instituto de Asnières era votado à educação de surdos-mudos<sup>23</sup> e atardados, tendo recebido, também, surdos-mudos-cegos. Fundado em 1893, por uma deliberação do Conselho Geral do Sena, de 16 de Junho, e de um pedido da prefeitura de 20 de Julho, tinha como missão acolher, gratuitamente, as crianças surdas e semi-surdas dos dois sexos a partir dos seis anos de idade. Sob a direcção dos serviços de ensino do Sena, o estabelecimento tomaria, mais tarde, o nome do seu primeiro director, Gustave Bager, que o dirigiu até 1918, e com quem Palyart privara durante a sua visita<sup>24/25</sup>.

As crianças cegas e idiotas eram canalizadas para Bicêtre. A julgar pelas palavras de Palyart, tudo era bom em Asnières.

*Tem boas salas de classe, um bom museu pedagógico da casa, e uma biblioteca que bem pode dizer-se rica. A instalação é na Rue de Nanterre, 29, num grande edifício, se não bom, pelo menos, mais do que regular. (...) É de Asnières donde guardo as mais gratas recordações. Foi o melhor estabelecimento de educação que visitei<sup>26</sup>.*

Asnières mereceu a admiração de Palyart por diversos motivos e, quando comparado com os outros estabelecimentos que visitara, percebe-se qual o ponto fundamental para ganhar o respeito do professor da Casa Pia: os trabalhos manuais. Ora, nas duas

<sup>21</sup> FERREIRA, Costa, 1918: 258.

<sup>22</sup> Institut Départemental de Sourds-Muets et de Sourdes-Mouettes de la Seine.

<sup>23</sup> «(...) quando se fala de *anormais*, e lá me não refiro a atardados mas a surdos-mudos, que é a especialidade mais em voga». FERREIRA, Costa, 1918: 259.

<sup>24</sup> À semelhança do Instituto Departamental do Sena, sito em Asnières, que tomou o nome do seu primeiro director, G. Bager, também o Instituto Médico-Pedagógico denominar-se-á, a partir 1929, Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, em homenagem ao seu fundador.

<sup>25</sup> O Instituto G. Bager funciona desde 2006 no n.º 35 da Rua de Nanterre, em Asnières, num edifício totalmente construído para o efeito. As instalações visitadas por Palyart servem, actualmente, para albergar um colégio. In <URL: <http://www.institutgbager.fr/historique.html>>. [Consult. 14.05.2009].

<sup>26</sup> FERREIRA, Costa, 1918: 259.

classes visitadas anteriormente, o ensino teórico prevalecia sobre o ensino manual, sendo o cálculo, a leitura e a escrita mais trabalhados pelos professores. Aliás, nas escolas de Paris não seguiam os preceitos de Binet por considerarem imperfeitos e pouco práticos, contestando a eficácia dos métodos e processos apontados por aquele psicólogo<sup>27</sup>.

Asnières, em contrapartida, empregava extrema importância ao trabalho manual, ocupando os alunos durante a tarde, estando a sua direcção, como toda a secção dos rapazes, entregue a M. Elie Debray que «faz executar aos alunos séries de modelos muito suas, seguindo os princípios do *sloojd*<sup>28</sup>, seja no papel, como no cartão, na madeira e no ferro»<sup>29</sup>.

As oficinas para o ensino profissional dos educandos, ministrado por «hábeis operários, mestres competentíssimos, com belíssimo ferramental», garantiam a saída de parte do material escolar do Instituto. O trabalho, executado pelo aluno na oficina, implicava o esboço de um *croquis à main levée* de um modelo de uma «bem organizada série, e o desenho de um conjunto de cortes indispensáveis à sua boa execução». Por ocasião da visita de Palyart, executava-se na carpintaria uma «grande quantidade de pequeninas mesas, das chamadas mesas de costura, para as classes de trabalhos manuais femininos, e quem as faziam eram os alunos»<sup>30/31</sup>.

As salas ofereciam todas as garantias, tanto pedagógicas como higiénicas, salas com ar e com luz, e com as bancadas, na serralharia e na carpintaria, dispostas por tal forma que permitiam ao aluno poder assistir às lições do mestre sem sair do seu lugar ou quase sem grande incómodo. A disciplina também era facilmente imposta, porque a disposição das carteiras possibilitava a vigilância constante<sup>32</sup>.

De modo idêntico, os trabalhos manuais femininos mereciam grande atenção por parte da professora. Superiormente organizados, o seu ensino era, como em nenhuma outra escola visitada por Palyart, metodicamente feito. Da costura ao bordado, do mais sóbrio croché ao mais primoroso, das pinturas mais modestas aos mais difíceis trabalhos com tintas fundentes sobre porcelana, tudo era organizado e conduzido de modo harmonioso, como se revelava no aproveitamento das crianças, e nos álbuns que se conservavam em exposição no museu do Instituto.

Aliás, o museu patenteava tudo o que se produzia na casa, o material empregue no ensino, instrumentos e aparelhos em uso nas observações de ordem médico-pedagógica. E também alguns exemplares para o estudo das ciências naturais. Mas o museu servia,

**27** FERREIRA, Costa, 1918: 258.

**28** O *sloojd* ou *slöjd* – palavra que quer dizer trabalho manual caseiro – tem as suas origens nas ocupações familiares durante as longas noites de Inverno dos países do Norte, trabalhos que de princípio eram muito simplesmente a decoração dos móveis. Otto Salomão modificou-o e, sob a sua direcção, na escola de Nâas, Suécia, transformou-se num sistema perfeitamente definido, que brotou e desenvolveu raízes em todo o mundo. No *sloojd*, os modelos são seleccionados de forma a despertar um interesse máximo no aluno, originando o esforço voluntário e mobilizando todas as faculdades. FERREIRA, Pinto, 1915: 40-41.

**29** FERREIRA, Costa, 1918: 260.

**30** FERREIRA, Costa, 1918: 261.

**31** «As aulas começam às 9 horas e terminam às 11 \_\_, havendo de tarde, apenas, trabalhos manuais, tanto para rapazes como para raparigas, trabalhos a cargo de pessoal diferente do que as classes da manhã». FERREIRA, Costa, 1917: 291

**32** FERREIRA, Costa, 1918: 261.

essencialmente, para salientar o aluno-artista, para abrilhantar o percurso académico da criança *anormal*. A sua obra de arte, exibida no museu da escola, resgatava da meia-luz o aluno que se via elevado à condição de artista merecedor do pasmo dos outros. Os muitos álbuns, encerrando numerosos trabalhos de alunos, constituíam os vestígios de «como se faz o ensino, como ele é ordenado e qual o aproveitamento».

A *educação integral* do aluno fazia-se também pela música, que não era desprezada. Para o seu ensino, e todos os atardados a aprendiam, era empregue *La Méthode Modale Chiffrée*<sup>33</sup>, método que já Rousseau preconizava, fácil para as crianças, e de resultados seguros, mormente se conciliado com a fonomímica como acontecia no Instituto<sup>34/35</sup>.

Os exercícios de observação, de ortopedia mental, as lições de coisas, ocupavam uma grande parte do tempo. As lições de coisas eram tomadas como ponto de partida, base de todo o ensino, girando em torno delas a composição francesa, o cálculo, etc. À semelhança das outras escolas, o Instituto de Asnières dispunha de bastante material para o ensino das lições de coisas, possuindo cada classe a sua colecção, e havendo no museu uma outra para demonstração e estudo. A diferença residia no facto de que, nesta escola, esse material era usado e o ensino em Asnières tomava um carácter «atraente, o mais prático possível, o mais económico e proveitoso».

*É ainda hoje, com prazer, que me lembro duma encantadora lição feita por M.<sup>lle</sup> Germaine Louette, que é também a bibliotecária, feita numa linguagem insinuante e clara, sobre o açúcar e a sacarina, durante a qual não vi uma única criança desatenta, e, contudo, ... eram anormais pedagógicos*<sup>36</sup>.

A biblioteca, gerida por M.<sup>lle</sup> Louette, era uma vasta sala «onde reina a calma indispensável», e que reunia um número de livros avultado e de qualidade valiosa, ostentando uma grande e muito completa colecção de obras sobre surdos-mudos, bem como sobre *anormais* pedagógicos.

O que mais desencantava Pinto Ferreira era o desprezo a que Asnières estava votado, por parte da comunidade científica. Pelos seus corredores, haviam passado Pioger, Saint-Hilaire e muitos outros grandes vultos a quem a educação de surdos-mudos e de atardados bastante devia<sup>37</sup>.

**33** La Méthode Modale Chiffrée, comumente conhecido por J.-J. Rousseau-Galin-Paris-Chevé, nomes dos seus autores, consiste, basicamente, em substituir as notas musicais por códigos. «Ce qui frappe, en effet, lorsqu'on ouvre un manuel d'enseignement musical conçu d'après les doctrines du galénisme, c'est la prédominance du chiffre». PIERROT, 1908: 314.

**34** No Instituto de Asnières empregavam-se os preceitos da moderna pedagogia, o que não significava que se desprezassem os processos ainda que antigos mas de bons resultados. «Assim, a fonomímica de Grosselin, tão discutida mas de efeitos sem dúvida importantes, é usada tanto nas classes de surdos-mudos como nas de atardados, e para todas as disciplinas». FERREIRA, Costa, 1918: 259.

**35** Augustin Grosselin inventou a fonomímica, método ou processo de ensinar leitura aos surdos, que consiste em pôr de parte, não apenas os textos, mas a palavra, utilizando trinta e três gestos onomatopéicos que remetem para as ideias que os sons e as articulações da voz transmitem à audição. Eugène Brouard. «Phonomimie». fb, document.php?id=3386.

**36** FERREIRA, Costa, 1918: 259.

**37** FERREIRA, Costa, 1918: 259.



*E por isso é para lastimar que de Asnières pouco ou nada se diga, fazendo-se, parece que proposadamente, um grande silêncio em torno do Instituto, inclusivamente no Dicionário de Pedagogia de Buisson, onde deveria aparecer a ocupar o lugar que lhe compete*<sup>38</sup>.

Muito semelhante a Asnières, a *Institution Municipale de Lyon, pour sourds-muets, aveugles et arriérés da Rhône et des départements voisins*, era dirigida por M. Lafontaine, e fora fundada por M. Hugentobler, director honorário e que vivia paredes-meias com a instituição<sup>39/40</sup>.

Aquando da sua visita, e exceptuando a secção de crianças cegas, dirigida por M.<sup>lle</sup> Extrait, as diferentes classes funcionavam pouco regularmente, em virtude do afastamento de certos elementos importantes, pela mobilização de uma grande parte do professorado francês em virtude da guerra, e ainda porque havia uma certa perturbação na vida do estabelecimento pelo internamento e reeducação de mutilados da guerra, surdos e cegos, à semelhança do que se pretendia fazer no Instituto Médico-Pedagógico da Casa Pia de Lisboa.

Por estes motivos, as classes de atardados da escola de Lyon estavam «nas mãos de pessoal não especializado, por isso incompetente para a sua regência, ainda que com uma boa preparação geral»<sup>41</sup>.

No que se refere a instituições particulares, Palyart teve oportunidade de visitar dois estabelecimentos dos arredores de Paris, em Creteil, sob a direcção do Dr. Bérillon, e em Vitry, sob a direcção do Dr. Paul Boncour.

Creteil fica às portas de Paris. O Instituto Médico-Pedagógico do Dr. Bérillon ficava situado num arruamento recente, «em um magnífico palacete, dentro de um belo parque. Se a educação e ensino aí ministrados fossem em harmonia com a casa, sem dúvida, seria este um dos primeiros do género»<sup>42</sup>.

Contudo, o Instituto de Creteil configurava-se mais com uma casa de saúde do que com um estabelecimento pedagógico. As crianças *anormais* não estavam organizadas em classes, eram acomodadas numa sala, que não tinha mobiliário apropriado e «onde se dão umas lições quando o aluno quer e durante o tempo que quer». Como não havia classes regulares, também não existia material didáctico, algo que, na expressão de M. Quinques, professor da parte educativa, não tinha utilidade alguma, servindo apenas para gastar dinheiro.

Outra matéria sensível ao espírito de Palyart residia na realização de trabalhos manuais, aspecto que já merecera veementes críticas na avaliação das classes de Paris e Bordéus. Em Creteil, o cenário era desolador:

**38** FERREIRA, Costa, 1918: 259.

**39** É de Hugentobler «a melhor monografia sobre a história da educação dos *anormais* na Suíça, trabalho conciso mas preciso – *Développement et situation actuelle de la protection et de l'éducation des anormaux en Suisse*», exemplar oferecido a Palyart, cuja consulta se revelou impossível uma vez que a sua localização é desconhecida.

**40** Palyart não teve oportunidade de privar com M. Hugentobler por se encontrar ausente, na Suíça, «parece que tratando da fundação de um novo estabelecimento para atardados».

**41** FERREIRA, Costa, 1918: 264.

**42** FERREIRA, Costa, 1918: 262.

*Dentro do parque, próximo do palacete central, existe um barracão com várias bancadas e alguma ferramenta que, disseram-me, era empregue, outrora, na prática do trabalho manual pelos alunos. Não sei o que possa haver de verdade nisto, dadas as condições de educação no estabelecimento, o que eu pude observar e M. Quinques me declarou<sup>43</sup>.*

Mas o que mais surpreendia Palyart era a excessiva liberdade que habilitava os alunos a fazer o que quisessem e a circularem à sua vontade, sem prestar contas a ninguém. Aliás, «em Creteil não havia só crianças, mas adultos. E tudo faz o que quer, e anda por onde quer»<sup>44</sup>.

Ao luxo do palacete de Creteil opunham-se os vários pavilhões que se levantavam num grande parque, alguns deles já do tempo do antigo instituto do Dr. Bourneville, em Bicêtre. Como não fora possível visitar as classes, que funcionavam num pequeno barracão no meio do parque, as informações que recebera de um antigo funcionário do instituto pareciam assegurar que «alguma coisa aqui se realiza, se não muito bom, pelo menos muito regular, e dando-se a cada aluno a educação que lhe convém, segundo o meio em que ele terá de viver»<sup>45</sup>.

Ficava, assim, completo o roteiro de visitas realizadas em França. Palyart tivera ainda oportunidade de conhecer alguns institutos vocacionados para o ensino de surdos-mudos e cegos, como o Instituto Nacional de Paris e as Écoles des Aveugles, em Lyon. Contudo, como esta não era a sua especialidade, o professor da Casa Pia resolvera não dispensar muita atenção a estes espaços educativos, até porque reservara alguns dias da sua deslocação ao estrangeiro para conhecer grandes vultos da pedagogia moderna: Edouard Claparède e M.<sup>lle</sup> Alice Descoedres. A visita ao Instituto Jean-Jacques Rousseau<sup>46</sup> seria a *cereja no topo do bolo*, por se tratar, talvez, do expoente máximo no que se refere à constituição de uma base segura de estudos de psicologia infantil e modos de os aplicar na educação<sup>47</sup>.

A modéstia das instalações do Instituto Rousseau, «uma casa de aparência medíocre, e as suas salas nem são nem grandes nem belas, nem possui um mobiliário por aí além (...)», que deixariam ao visitante comum uma má impressão, não chocam a sensibilidade de Palyart, devidamente prevenido com o «conhecimento das obras que daí têm saído, do que muito aí se tem feito»<sup>48</sup>.

Contudo, ao percorrer as linhas do seu relatório, observa-se que a benevolência da opinião inicial não permanece na avaliação final da instituição, revelando alguma

<sup>43</sup> FERREIRA, Costa, 1918: 263

<sup>44</sup> «Os pensionistas pagam entre 400 e 800 fr. por mês, segundo os cuidados que as famílias reclamam, havendo para os mais velhos quartos particulares». FERREIRA, Costa, 1918: 263

<sup>45</sup> FERREIRA, Costa, 1918: 263

<sup>46</sup> Em 1912, por iniciativa de E. Claparède foi criada a Escola das Ciências da Educação a que deu o nome de Instituto Jean-Jacques Rousseau, iniciando aí o curso de pedagogia e de orientação profissional e, logo em seguida, criou a Maison des Petits com a colaboração de M.<sup>lle</sup> Descoedres, Audemar e outros técnicos. FONTES, 1976: 125.

<sup>47</sup> Os portugueses Alves dos Santos e António Sérgio já haviam visitado o Instituto Rousseau e privado com o «grande psicólogo de Genève».

<sup>48</sup> «(...) o laboratório de psicologia e a biblioteca, ambos interessantes, se bem que não muito ricos». FERREIRA, Costa, 1918: 272.

desilusão pela relativa consonância entre a teoria e a prática. Conquanto um espírito menos atento ficasse asfíxiado com a autoridade científica dos anfitriões, Palyart revelase um crítico astucioso, lamentando que a aula da M.<sup>lle</sup> Descoedres não fosse o que «supunha, não o é a sala, não o é a classe, não o é o material. E, conseqüentemente não o é o ensino», salientando-se a preocupação em «demonstrar que se faz uma coisa e na realidade pratica-se outra bem diferente»<sup>49</sup>.

*A sala da classe especial da escola de Malagnou<sup>50</sup>, para não empregar termos dúbios, com toda a franqueza, é péssima, a única condição que tem é ser grande, mas como recebe pouca luz, isso mesmo lhe é prejudicial. Como mobiliário tem o que se usa nas nossas escolas primárias, e não nas mais modernas, umas carteiras pesadas, de dois lugares cada, uma grande ardósia sobre cavelete, e, ao fundo, a mesa da professora, empoleirada num grande estrado de dois degraus<sup>51</sup>.*

À parte a pobreza das instalações, aspecto que se revela pouco consentâneo com o seu carácter privado, já que pressupõe um maior movimento de verbas, o que mais desconcertou Palyart foi a «falsa pedagogia de exibição» que acompanha os livros de médicos e professores que, em contexto efectivo, não aplicam na sala de aula os métodos que preconizam nas suas obras. «Eu não quero dizer que esta ilustre professora não faça como diz, pratique o que defende nos seus trabalhos; mas somente que não é tanto como se pode supor, nem em tudo, como também se pode e deve inferir da leitura das suas obras»<sup>52</sup>.

A experiência na classe especial de M.<sup>lle</sup> Descoedres preencheu o aparente fosso cavado entre a actividade desta pedagoga e o que se praticava em Paris, Bordéus ou Lisboa. A percepção de que das palavras às coisas percorre-se uma grande distância, provocou em Palyart a confirmação de uma opinião que há muito suspeitava: «de que o réclame que os livros fazem a muito material didáctico, apontado como indispensável, se baseia, muitas vezes, numa falsa pedagogia de exibição, e nem sempre é próprio e prático; por vezes, a sua apresentação deriva mais do espírito mercantil do que do espírito científico»<sup>53</sup>.



O balanço da viagem revelou-se, parece-nos, positivo, valendo pela experiência de constatar as fragilidades das práticas pedagógicas empregadas nas escolas francesas. À defraudação das expectativas sobrepõe-se o conforto de notar que o Instituto Médico-Pedagógico da Casa Pia não se encontrava a anos-luz do que se dizia ser, à época, o baluarte da vanguarda europeia.

**49** FERREIRA, Costa, 1918: 274.

**50** Classe especial a cargo da M.<sup>lle</sup> Descoedres, na dependência do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

**51** FERREIRA, Costa, 1918: 275.

**52** FERREIRA, Costa, 1918: 275.

**53** FERREIRA, Costa, 1918: 275.

Apenas o Instituto de Asnières conseguira cativar a admiração de Palyart, provavelmente, também, devido à marginalidade a que estava votado pela comunidade científica que o arredara do rol de tributários para o desenvolvimento da moderna pedagogia.

(...) *quanta maior franqueza, maior seriedade, não vi eu em Asnières nessas belas classes de que ninguém fala, por esses competentíssimos e dedicados professores que as regem, e que ninguém conhece!*<sup>54</sup>.

O regresso a Lisboa e à realidade portuguesa não transportou a desilusão de voltar a casa. Acarreou a certeza de que nas salas de Santa Isabel «muito se fazia», com o pouco de que se dispunha. À semelhança de Asnières, e daí os rasgados elogios dirigidos a esta instituição, o Instituto Médico-Pedagógico favorecia a *educação integral* do aluno, privilegiando a componente manual do ensino, imprescindível quando se trata de crianças *anormais*. As suas salas amplas, luminosas, desafogadas, apanágio de uma *Escola* que se pretendia salutar, aproximavam-se das que visitara em Asnières e que lhe tinham roubado a sua melhor atenção. Era, por isso, alvo do seu respeito.

Dos restantes institutos, pouco ou nada aproveitou. Das suas palavras regista-se a aspereza de quem desmistificou um «embuste». Como se a «falsa pedagogia de exibição» mais não fosse do que uma bem montada campanha de marketing que apenas pretendia publicitar livros e materiais didáticos que não eram, mais tarde, transportados pelos seus autores para a sala de aula. O que se fazia no Instituto Médico-Pedagógico seria, na sua opinião, mais honesto do que vira nestas paragens.

Saliente-se, por último, que a viagem do professor Palyart Pinto Ferreira a estabelecimentos de ensino de crianças anormais, em França e na Suíça, comprova a preocupação em conhecer o que se faz além-fronteiras. Tem-se, desde sempre, a consciência da necessidade de visitar outros espaços educativos para avaliar o atraso ou avanço em que se encontra a realidade portuguesa, de modo a poder progredir ou a constituir exemplo de modernidade.

## BIBLIOGRAFIA

- BROUARD, Eugène (1911) – «Phononimie». In BUISSON, F. (ed. lit.) – *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire publié sous la direction de Ferdinand Buisson*. [Versão electrónica]. Paris: Librairie Hachette et Cie. [Consult. 14.05.2009].
- FERREIRA, António A. da Costa (1916) – *Anuário da Casa Pia de Lisboa, Ano económico de 1915-1916*. Lisboa: Tipografia Casa Portuguesa.
- \_\_\_\_ (1917) – *Anuário da Casa Pia de Lisboa, Ano económico de 1916-1917*. Lisboa: Tipografia Casa Portuguesa.
- \_\_\_\_ (1918) – *Anuário da Casa Pia de Lisboa, Ano económico de 1917-1918*. Lisboa: Tipografia Casa Portuguesa.
- FERREIRA, F. Palyart Pinto (1915) – «As colecções entomológicas na escola primária». In *Boletim Pedagógico*, ano 1, n.º 1. [S.l.]: [s.n.].

<sup>54</sup> FERREIRA, Costa, 1918: 275.

- \_\_\_\_ (1930) – *A criança anormal – 10.<sup>a</sup> lição do curso de aperfeiçoamento para professores de anormais... em 15 de Maio de 1930*. In FERREIRA, F. Palyart Pinto (dir.) – «A criança anormal», 1.º ano, n.º 4. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva.
- FONSECA, Joaquim A. F. (1930) – *Estudos Médico-Sociais sobre protecção a menores anormais e delinquentes*. Lisboa: Tip. do Reformatório Central de Lisboa.
- FONTES, Vítor (1933) – *Crianças anormais*. Lisboa: Livraria Féris.
- \_\_\_\_ (1976) – *No centenário do nascimento do Professor Edouard Claparède*. Separata de «Memórias da Academia das Ciências de Lisboa», tomo XVIII. Lisboa: Academia das Ciências.
- LEMOS, A. Tovar de (1919) – *Como é feita a reeducação dos mutilados da guerra no Instituto Militar de Arroios*. Lisboa: [Tip. de J. Teixeira].
- \_\_\_\_ (1920) – *Terminada a guerra: a obra de reeducação dos mutilados da guerra: sua integração na vida social: resultados obtidos: o que é preciso fazer*. [Lisboa]: Instituto de Arroios.
- MALPIQUE, M. Cruz (1962) – *O Doutor António Aurélio da Costa Ferreira*. Matosinhos: Tip. Leixões.
- NÓVOA, António (dir.) (2003) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Edições Asa.
- PIERROT, A. (1908) – «L'enseignement du chant a l'école primaire et la méthode modale chiffrée». In DUPONT, Paul (ed.) – *Journal des Instituteurs*, n.º 28, 52<sup>ème</sup> année (5 Avril), p. 314-316. Paris: Librairie Générale.
- PINTASSILGO, Joaquim (2007) – «Imagens e leituras da educação nova em Portugal: os relatórios de bolsiros portugueses em visita a instituições educativas europeias (1907-1909)». In MIGNOT, Ana Christina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves – *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez.

